GONÇALO D'ARAUJO

Em minha defêsa

Para os homens de bem
e para aqueles que tenho na conta
de verdadeiros amigos

BARCELOS
BIBLI

BARCELOS
TIP. DE ROGERIO CALÁS
RUA BARJONA DE FREITAS
1913

21.134.3-9Araújo,G
RA

GONÇALO D'ARAUJO

Em minha defêsa

Para os homens de bem
e para aqueles que tenho na conta
de verdadeiros amigos

C. M. BARCELOS BIBLIOTECA 9540 Nº

BARCELOS
TIP. DE ROGERIO CALÁS
RUA BARJONA DE FREITAS
1913

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Em minha defêsa

Para os homens de bem e para aqueles que tenho na conta de verdadeiros amigos.

Eu tinha resolvido, por muitos motivos, mas principalmente pelos que abaixo aponto, nunca mais ocupar-me na imprensa de questões de caracter pessoal, que directamente e sómente fossem salientar, com maior ou menor exito, as fraquezas, as faltas e os defeitos dos meus inimigos, por intimamente convencido, com a pratica da vida, com o conhecimento das coisas e com o lidar dos homens, de que fraquezas, faltas e defeitos, em maior ou menor grau, todos possuimos. A meu ver, e quando recordo com profunda magua o passado que não volta, as questões pessoaes levantadas na imprensa, diz-mo a experiencia: apenas satisfazem a curiosidade doentia dos que, não tendo outro passatempo, encontram nelas motivos para, passando um bom bocado, ferirem a seu talante a honra dos que deles se afastam num gesto de justo despreso. As questões pessoaes só amesquinham, só deprimem, só rebaixam, sò aviltam aqueles que as sustentam; porque, o lavar da roupa suja, por ser oficio bem pouco limpo, deve ser feito, não numa prêsa onde a agua estando parada, retem os detrictos das roupas que se limpam, mas na corrente larga, limpida e

caudalosa onde a agua, que passa, leva para bem longe numa vertigem precipitada, aquelas podridões que o constante bater na pedra conseguiu arrancar dos trapos que se queriam lavar.

E tanto assim que, apesar de tanta mentira e tanta miseria que conheço, prefiro, embora com grave prejuiso da minha causa, manter atravez d'esta minha justa e oportuna defêsa, esse serêno e refletido modo de pensar, não podendo, todavia, apesar de tal atitude e na presença d'uma infamia tão torpemente urdida e que se me pretende assacar com fins propositados e com retumbante escarcéo, deixar jamais de vir a publico, não para me desafrontar d'aqueles que, manietados e acorrentados por uma figura sinistra, procuraram enxovalhar o meu nome com a pratica d'um acto deveras despresivel e inqualificavel—porque tais nigromantes nem o meu desprêso merecem—mas para dizer bem alto, bem claramente e bem publicamente a todos os homens de bem e a todos os meus amigos, que eu, com grande satisfação o posso dizer, porque sei bem que já antecipadamente me têm feito justiça—não sou o auctor de semelhante protervia que para ahi veio estampada n'um semanario local, com verdadeira infelicidade para os meus detractores à ordem d'uma criatura que, conhecendo o erro e a responsabilidade da perfidia, procurou esquivar-se, como que magicamente, d'esta enorme barafunda em que só impera a inveja e a mentira. E, sem receio de vindicta decerto já premeditada, faço hoje esta declaração bem publicamente, como já particularmente a fiz ao proprio visado pela denuncia em questão, Snr. Antonio Augusto d'Almeida Azevedo, Tesoureiro de Finanças do 2.º Bairro da cidade do Porto, quando ao saber que este me dizia o seu auctor, o procurei em sua casa, dando-lhe aquela satisfação que mais pertencia à minha consciencia de ho-

nem honesto e d'uma só cara, do que a ele que, como se viu, a veio deturpar cá para fóra, para deixar a impressão de que lhe fiz uma suplica e não cumpri com altivês o meu dever.

Essa criatura em face do meu procedimento, em vez de me fazer justiça, procurou vilipendiar-me. Mas, apesar de tudo isso e do mais que eu esperava, eu não tenho que arrepender-me de num momento de sinceridade e num impulso de quem tem por si a justiça, a razão e o direito, ter praticado tal acto que para aqueles que me conhecem deve ter a precisa significação. Eu sou assim por indole e por temperamento. Por mais esforços que empregue sobre o meu animo, por mais que procure dominar os meus nervos,eu não posso impedir que da minha bôca saiam palavras que, por vezes causticas, representam o meu sentir; que as minhas mãos se recusem a escrever bem ou mal, mas sempre sinceramente e bem intencionadamente, aquilo que penso e que a minha consciencia me dita. E por eu ser assim, o que talvez seja um grande defeito, e por todos me conhecerem bem, é que eu sei positivamente que todos os homens de bem e todos os meus amigos, fazendo-me inteira justiça, ao vêrem e ao lêrem as infamias que se me atribuiam, disseram: Não. O Gonçalo d'Araujo não é o auctor de semelhante denuncia. Ele,se escrevesse tais verdades,—porque afinal de contas o escripto em questão e que tanta celeuma originou, pondo de parte, é claro, as referencias pessoaes, só diz a verdade, simplesmente a verdade, nem ha pessoa de bem em Barcelos que seja capaz de destruir tal afirmativa,—teria a hombridade,a energia precisas para lhe colocar por baixo a sua assinatura.

E' evidente que não pretendo de fórma alguma discutir o escrito em questão—se a letra do autografo tem ou não semelhanças com a minha, se a caligrafia

está ou não disfarçada, se ha ou não outras letras identicas, se a redação é ou não parecida com algumas da minha responsabilidade, se entre os dois autografos ha ou não diferenças completas, se podia ou não ser outro o seu auctor, se tal documento foi ou não inventado pelos proprios que me acusam.

Não. Eu não pretendo nada disso. Nem por sombras me passa pela mente semelhante preocupação. Mesmo porque, se ao meu espirito surgisse tal intenção e a convertesse em facto, a sua pratica representaria tacitamente para aqueles que só pretendem abocanhar-me, a prova plena e irrefragavel de que eu procurava uma defesa, incutindo no animo d'aqueles que apesar de tudo me fazem justiça, a minha suposta culpabilidade.

Não.

Nada disso quero. Nada disso pretendo.

Basta apenas que eu diga: que è de meu uso e costume assinar sempre os meus escritos por bem ou mal feitos que eles sejam. Mesmo porque se fosse eu o auctor de tal denuncia, decerto que para estabelecer uma acusação fundada, logica e proficua, teria de lançar mão d'outros meios e de factos concretos de que a opinião publica se fizesse echo, não procurando jà, porque isso seria uma suprema cobardia, valer-me das preciosas indicações de alguns dos inimigos ou falsos amigos do visado pela denuncia referida, embora este, com ingenuidade que não comprehendo e que julgo mesmo pretenção irrisoria, esteja convencido, como pessoalmente mo afirmou, que o unico inimigo que tem n'esta terra, em Portugal e no mundo inteiro, seja eu, simplesmente eu!...

Inimigos, falsos amigos, maiores ou menores todos temos; e decerto que aquela afirmativa importa para o seu auctor a ignorancia mais completa da vida social do meio em que labuta, e onde felizmente todos nos conhecemos...

Que ilusão! Decerto que esta criatura ao passar-lhe pela mente tão falsa ideia, supoz-se no reino da lua onde por vezes parece que pairam o seu cerebro e o seu talento previligiados que, em Barcelos, só se aproveitou, ao que me consta, para arreliar e consumir o pobre do contribuinte, arrancando-lhe sem piedade, talvez que legalmente, o que agora não discuto, aqueles cobres miseraveis com que este devia talvez matar a fome! Que terrivel ilusão! Que ideia infeliz!

Sempre condenei, por cobardes, a pratica de tais actos; não só porque detesto com nauseas aqueles que não possuem a coragem e o decoro precisos para assumirem a responsabilidade das suas objurgatorias, mas porque tambem já tenho sido victima, como agora, de semelhantes processos difamatorios, que constituem acusações verdadeiramente criminosas como esta que ultimamente me pretendem assacar e que me obrigam a vir a publico, sòmente para dar uma satisfação, de que por tantos motivos sou devedor, a todos os homens de bem e aos meus amigos, e jamais para repelir a calumnia sem duvida arquitetàda por aqueles que tem unicamente em vista, deprimindo o meu nome, assaltar com selvatica furia o logar que com hombridade desempenho.

Eu apenas quero dizer a todos os homens de bem e aos meus amigos,—que apesar de tanta infamia continuam a apertar-me a mão e me felicitaram no sabado passado—que a calumnia se não é a primeira tambem não será a ultima. A esta hora, quem sabe! talvez outras e decerto mais maquiavelicas e complicadas devem estar preparadas para me aniquilar; porque d'esta vez, a escolhida em magno concilio, apesar de bem arquitatada, não produziu os efeitos que desejavam. O assalto ao meu logar ainda d'esta vez se não praticou; mas isso não quer dizer que se não pratique, porque, afinal de contas...è o que se pretende

conseguir com tanta calumnia. Eles não tratam de descobrir a verdade com consciencia, com raciocinio e com imparcialidade, procurando saber quem foi o auctor do que para ahi apareceu escrito, senão foi inventado por eles proprios. O que se procura, repito, è amesquinhar um homem, ferir a minha honra para assaltar o meu logar. Eles, como dizem, procuraram muitas *caligrafias* que se assemelhassem com a do autografo, e, decerto, encontraram muitas,(eu podia até fornecer-lhes algumas); mas...que houvesse outras e até iguais, isso nada importava: o que era preciso era dizer-se que a responsabilidade do autografo me pertencia. Ela podia ser mais identica à de Sancho ou á de Martinho, mas isso não fazia nada ao caso,porque nem Sancho nem Martinho exerciam o logar que eu desempenho e que ambicionam.

Sim. Eles não querem apurar a verdade, fazer justiça. Unicamente aspiram a aniquilar criminosamente um homem, e para tal conseguirem, todos os meios servem, todos os processos são viaveis. Eles querem apoderar-se do meu logar, roubar a tranquilidade do meu lar e o socego do meu espirito. Mas não. N'esta terra de portuguezes ainda ha homens de bem, ainda ha caracteres de boa tempera, entre os quaes se encontra a figura prestigiosa do Dr. Affonso Costa, actual chefe do governo, alma de primeira grandeza, que tal não permitirà; porque a minha causa è nobre e justa e os que me atacam parece que usam navalha de ponta e mola, que é a arma predilecta dos fadistas, que, na presença d'um adversario leal, a escondem sorrateiramente no bolso das calças para,num desvio quasi imperceptivel e n'um salto siamesco, lh'a cravarem traiçoeiramente nas costas.

De resto, a todos os homens de bem e a todos os meus amigos pela vez ultima e irrevogavel lhes afirmo: que não sou nem fui o auctor do documento que

ignobilmente se atribue e que apesar de na sua quasi totalidade conter verdades que se não desmentem, só por ser anonimo, merece a minha formal condenação.

E, posto isto, devo dizer que por mais que eles trapaceiem, por mais que mintam, por mais que inventem, jamais, com relação ao documento que me atribuem, obterão resposta.

Eis a satisfação que devia a todos os homens de bem e aos meus verdadeiros amigos, evitando uma desafronta fisica, porque, conhecendo bem o trama que se me preparou e que se me prepara, e, meditando friamente nas suas consequencias, consegui, embora n'um esforço sobrehumano, acalmar a tenção dos meus nervos para que me restituissem, como de facto restituiram, aquela impassibilidade que em taes circunstancias não significa cobardia, lastimando profundamente o procedimento d'aqueles que não pôem duvida em acorrentarem-se ao predominio de quem, conhecendo-lhes as suas fraquezas, lhes incute animo para estabelecerem pugnas que só deprimem e sò aviltam os que as sustentam.

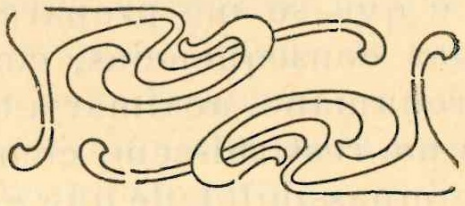
Dos homens de bem e dos meus verdadeiros amigos sò conto receber, como até hoje, felicitações sinceras, provas concludentes da sua solidariedade com o meu procedimento.

Barcelos—26—4—913.

MUNICIPIO DE BARCELO
BIBLIOTECA

Gonçalo Xavier d'Almeyda

C. M. B.
BIBLIOTECA



biblioteca
municipal
barcelos
9540
Em minha defêsa